

## APRESENTAÇÃO

---

Desde a sua origem, o romance tem sido um gênero em permanente mutação. Se, por um lado, cristalizou-se o modelo linear romântico/realista dos Oitocentos, por outro, e ao mesmo tempo, *As viagens na minha terra*, de Almeida Garrett, diluíram a rigidez do gênero nas literaturas de língua portuguesa. O prosseguimento desse processo ao longo do século XX envolveu casos singulares, como a prosa de Raul Brandão, o *Nouveau Roman*, a destituição do narrador soberano em *O delfim* de José Cardoso Pires e em *Bolor*, de Augusto Abelaira, além de práticas romanescas de poetas como Carlos de Oliveira e Herberto Helder. Na década de 1980, após o *boom* das metaficções historiográficas, o romance contemporâneo insistiu na quebra de paradigmas, abrindo-se ao fragmentário, ao inverossímil, às interrupções sintáticas e lexicais de todo tipo, problematizando as categorias de tempo, espaço e personagem, borrando as fronteiras entre gêneros, experimentando a hibridização de formas, enfrentando os dilemas imagéticos entre ficção e realidade, sobretudo em narrativas do eu, tais como biografias, autobiografias, autoficções, diários etc.

Em torno de tais transformações, a Ementa 19 da *Revista Abril* procurou reunir reflexões sobre narrativas/romances caracterizados por alguma “estranheza irreduzível” ou por metamorfoses felizes, na opinião de Silvina Rodrigues Lopes.

Este é o caso porventura dos romances de António Lobo Antunes aqui estudados em dois artigos. O primeiro, de autoria de Raquel Trentin Oliveira sobre o caráter rizomático daquela escrita, remonta à noção de “obra aberta” de Umberto Eco, ao *Nouveau Roman* e à concepção basilar de rizoma cunhada por Deleuze e Guattari. Antes de tudo, o texto antuniano abriga uma desconfiança calcada no ceticismo quanto à possibilidade de uma visão segura do real, em atitude similar à de Jorge Luis Borges. As metamorfoses são radicais a ponto de comprometer a própria recepção da obra, sobretudo as questões que “enredadas, sem hierarquia e separações, insinuam-se voltas e voltas no tempo, vultos e ecos, imagens que se materializam e logo se desfiguram”, numa avalanche de situações narrativas que apontam para “a vulnerabilidade da condição humana”: a exibição de um homem em completa desordem.

A narrativa delirante e inusitada do escritor é foco da análise do artigo “A captura do tempo na escrita babilônica de António Lobo Antunes”, no qual Tatiana Prevedello, apoiada em Paul Ricoeur e na ficção borgiana, mostra como as personagens se unem “em um memorialístico desencontro”. Nessa relação orgânica entre o tempo e os desacertos da vida, ressalta a lição de que a eternidade se cristaliza pela ruptura com o tempo convencional. Assiste-se a “um duelo invencível entre o tempo que flui nas horas que compõem a narrativa e o tempo infinito das reminiscências” numa mescla entre o tempo das horas e o tempo da dor, este último alegorizado pelo suicídio da adolescente. Ao contrário da desconexão entre vida pública e privada, o artigo traz a noção de um tempo monumental na obra antuniana a marcar a presença da ditadura na regulação autoritária das vidas.

A narrativa de Gonçalo M. Tavares é objeto de estudo também em dois artigos. Em “Citação e autoria em *Breves notas sobre as ligações* [Llansol, molder e zambrano], de Gonçalo M. Tavares”, Madalena Vaz Pinto destaca a teoria da escrita imbricada na teoria da leitura praticada pelo autor, segundo as quais escrever é uma tradução do ler, além de responderem pela irrestrita ambiguidade autoral dos processos, o que põe em xeque a própria noção de literatura. A análise da obra, como revela o seu título, discute a autoria em conexão com as citações das escritoras escolhidas, também autoras de textos polifônicos, o que constitui, entre outras coisas, uma homenagem ao “pensamento em feminino”. Ao atestar o inacabamento inevitável do texto literário, o artigo aponta para a inapreensibilidade da figura autoral em virtude de sua multiplicação, seja Llansol, Molder, Zambrano.

O segundo artigo sobre o mesmo autor tem como título “*Jerusalém* de Gonçalo Tavares: romance-investigação sobre o mal”, no qual Celina Martins discute o mergulho no horror do holocausto e na loucura, analisando o mal que se abate sobre a humanidade, deixando o leitor sem respostas e esperança. No entanto, ao trabalhar com o pensamento alegórico, a articulista revela a materialidade violenta da escrita de Gonçalo Tavares, que a torna, paradoxalmente, no único processo de catarse do romance.

Em “Pintando o medo, escrevendo o tempo; em Goya e Mário Cláudio”, Mônica Genelhu Fagundes traça um paralelo no campo das interartes ao realizar uma leitura em *abîme*: junta o seu olhar e voz aos da voz narrativa que, por sua vez, traz a perspectiva do pesquisador, o qual faz a sua própria interpretação das imagens tenebrosas de Goya sobre seu fantasmático mundo, especialmente o da tensão subjacente entre a velhice do pintor espanhol e o erotismo pulsante de Rosarito. São vários extratos de leitura num processo ekfrástico, que se enriquecem mutuamente na contemplação do “estranho” que teria assaltado o pintor, o pesquisador, o biógrafo romancista e, por fim, o leitor.

No campo das narrativas voltadas para as transformações em torno das “escritas de si”, o volume apresenta dois trabalhos. No primeiro, o título – “Uma ‘ética do si’ no romance-crônica-diário-conto *Ana de Amsterdam*, por Ana Cássia Rebelo” – revela não só a metamorfose do romance

mas a sua dilaceração e recomposição fragmentária, pois se trata de obra produzida originalmente como *blog* da internet, ainda continuada até hoje, embora tenha gerado um livro em 2014. Lilian Reichert Coelho discute as ambiguidades, as ironias, as zonas nebulosas entre o sujeito (auto)cognoscente, o enunciador e o narrador. Reflete sobre o caráter transindividual dessa escrita, as cisões entre experiência artística e ordinária, o tédio fora da literatura e, a despeito de tudo, o amor pela leitura e pela escrita como remédio contra a vida que se quer extirpar. Ao contrário do anterior, o segundo trabalho comenta a escrita de “Thomaz de Mello Breyner: excertos e prismas de um diário”, em que se destaca não apenas a elegância do autor, mas sobretudo a sua qualidade de testemunho “capaz de criar uma interface com a História”, como diz sua autora, Maria Alice Ribeiro Gabriel.

O volume apresenta ainda dois trabalhos em torno da produção do moçambicano Mia Couto. No artigo “Literatura, cultura e construção de identidades: o velho e o novo, o campo e a cidade em Mia Couto”, Lourdes Ana Pereira Silva e Maria Auxiliadora Fontana Baseio discutem, com base nos Estudos Culturais, as transformações possíveis das identidades na sociedade moçambicana, sinalizando caminhos para a compreensão do outro. No artigo “Os sentidos e os não sentidos da língua portuguesa: questões de língua e linguagem nos contos de Mia Couto”, Maurício Silva analisa questões relacionadas à língua e à linguagem, envolvendo o processo de apropriação e reinvenção da palavra na obra coutiana, associando esse processo às teorias do pós-colonialismo.

Rematando a seção, publica-se em primeira mão a “Breve notícia sobre um manuscrito autógrafo de Almeida Garrett: outra versão de um poema de *Folhas caídas*” trazida por Ana Comandulli.

Por fim, a resenha de Irene Fialho encerra o volume, comentando “Uma edição crítica de Sérgio Nazar David: *Almeida Garrett – Correspondência para Rodrigo da Fonseca Magalhães*.”

Boa leitura!

Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira  
Claudia Maria de Souza Amorim  
(Organizadoras)